

Carta Aberta à Revista Piauí

Em um país subdesenvolvido como o Brasil, detentor de uma das mais estúpidas burguesias do planeta – e isto em meio à plena era da hegemonia do capital –, o saber é o que mais sofre as consequências de nossa miséria cultural: há uma sobrevalorização das culturas popularescas (em meio das quais a cultura autenticamente popular ocupa, com justiça, algum lugar), ao mesmo tempo que uma “ignorância cultivada” e sistemática por parte do poder político e da grande mídia – das instâncias partidárias e dos governantes aos órgãos de comunicação e de imprensa – diante do saber erudito, especulativo, inventivo, experimental e inovador.

O que se esperar de um revista que pretenda abordar, de alguma maneira, a Cultura em um cenário intelectualmente tão devastador como esse? O mínimo: respeito!

Diante da consistência de trabalhos como o meu, o que não se deveria admitir de uma revista como a Piauí é que, em vez de destinar matéria digna para que leitores inadvertidos tomem pé do assunto e possam, através dela, entrar em contato com um mundo para eles ainda total ou parcialmente desconhecido, destinem-se a esse fazer musical de vanguarda, amplamente reconhecido fora do Brasil, duas parcas colunas em sua edição de dezembro de 2016, perdidas em meio a outros pequenos artigos, redigidas por um inexperiente e inculto jovem jornalista de nome Cláudio Goldberg Rabin que, pegando carona na seriedade de meu trabalho, procura ironizá-lo para acobertar a total falta de alcance intelectual de seu artigo.

Seu intuito era cobrir a Bienal Internacional de Música Eletroacústica de São Paulo, evento que criei em 1996 e que dirijo desde então, e que há anos já faz parte do calendário obrigatório da música eletroacústica internacional. Para tanto, o jornalista elegeu um de meus concertos como objeto de sua “abordagem”. Destinei horas de meu precioso tempo tentando fazê-lo entender do que se tratava. Em vão! O artigo cai literalmente no ridículo: descrever-me, logo de início, como possuidor de “óculos de tartaruga, de roupas desajeitadas e descabelado”, e portanto como um “típico intelectual dos filmes de Woody Allen” é, no mínimo, grotesco! Mas isto não seria nada, não fosse a má fé em discorrer sobre as cerca de 150 pessoas presentes em um de meus concertos experimentais como um público de familiares e de ex-alunos que eu “aguardava na porta do teatro”... Quem dera eu tivesse tantos familiares e ex-alunos tão interessados em aprimorar sua escuta! Não bastasse isso, o artigo ainda narra a presença de um indivíduo que seria meu mais fiel espectador: um ex-militar da reserva com danos irreversíveis ao ouvido! Nada mais leviano que uma imagem como esta!

O artigo demonstra, a rigor, uma total falta de alcance intelectual não somente do jovem jornalista, mas também, ao permitir a publicação de uma “contribuição” culturalmente tão inconsistente como essa, da própria Revista Piauí. Promover artigos irônicos parece constar da lista de ações estratégicas de marketing desta Revista para se abordar um assunto tão sério como a Cultura, em especial a música erudita de vanguarda.

Quero crer que a publicação deste infeliz artigo tenha sido resultado de um deslize ou de um descuido. Mas a Cultura não pode se dar ao “luxo” de descuidos como esse. Em meio ao lixo cultural que nos assola, rigor e cuidado são ingredientes fundamentais para uma Revista que se quer “cult”.

Flo Menezes

Compositor, Professor Titular e

Diretor do Studio PANaroma de Música Eletroacústica da Unesp

www.flomenezes.mus.br